

Comunicação, saúde e televisão: a tomada do telejornalismo como objeto na pesquisa em HIV e Aids¹

Raí Gabriel de Castro Gomes²
Iluska Maria da Silva Coutinho³
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Resumo

Este trabalho investiga se e em que medida o telejornalismo é tomado como objeto empírico em pesquisas acadêmicas do campo da Comunicação que tratam da temática do HIV e da Aids. Tomando como percurso metodológico uma revisão bibliográfica, com foco nos conceitos de comunicabilidade e inteligibilidade (Fausto Neto, 1999), e uma pesquisa documental, o estudo analisa dissertações e teses produzidas entre os anos de 2005 e 2024 nos programas de pós-graduação em Comunicação brasileiros, disponíveis no catálogo da CAPES. Os resultados revelam um apagamento do telejornalismo como foco empírico das investigações, evidenciando uma lacuna importante na produção científica analisada.

Palavra-chave: Comunicação e Saúde; Aids; HIV; televisão; telejornalismo.

Introdução

A construção da Aids enquanto *fenômeno de espaço público* — conceito delineado por Fausto Neto (1999) — é, como aponta o autor, um processo influenciado sobretudo pela *midiatização*, mecanismo pelo qual se estabeleceram (e se tem estabelecido) “condições de comunicabilidade [sobre o HIV e a Aids] através dos processos midiáticos” (1999, p. 145).

Herzlich e Pierret (2005) indicam que “foi a imprensa, que, em sentido estrito, fez existir a Aids para o conjunto da sociedade” (p. 8), num conjunto de ações progressivas que “desenhou seus contornos e, sobretudo, operou a passagem das informações sobre a doença do domínio médico e científico para o registro onde a ‘sociedade’ está implicada” (p. 9).

A centralidade da mídia na “emergência do que se chama comumente ‘o fenômeno social da Aids’” (Herzlich e Pierret, 2005, p. 8) se dá de tal forma que, nas investigações científicas inclinadas, ainda que em parte, à compreensão dos “*processos de construção social da Aids e do HIV*” (palavras nossas), os meios de comunicação de massa têm sido notavelmente tomados como objetos de pesquisa, fenômeno aparentemente resultante da percepção, por

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Audiovisual, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharel em Jornalismo e doutorando em Comunicação na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (Facom-UFJF), membro do grupo de pesquisa Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA). E-mail: raidecastro9@gmail.com.

³ Doutora em Comunicação Social, professora do curso de Jornalismo e do PPGCOM da Faculdade de Comunicação da UFJF, coordenadora e pesquisadora do Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA). E-mail: iluska.coutinho@ufjf.br.

diversos campos, de que “a inteligibilidade sobre a Aids [depende] das práticas das mídias e dos seus respectivos efeitos de sentido” (Fausto Neto, 1999, p. 21).

Na esteira da relação entre *Aids e HIV* e mídia, no entanto, há um outro aspecto apontado por Fausto Neto (1999) que parece estabelecer, num território particular, um encadeamento ainda mais tenaz entre o que podemos chamar “*ontologia do HIV e da Aids*” e os processos midiáticos tematizados pelo vírus e/ou pela síndrome. Dizemos aqui, portanto, de um aspecto denominado pelo autor como “condições de comunicabilidade” (p. 853), intrinsecamente ligado a um território tido como *campo da Comunicação* (especificamente do campo da Comunicação e Saúde, como veremos à frente).

São exatamente essas condições de comunicabilidade, as quais Fausto Neto (1999) descreve como o entroncamento de “agendas, tematizações, estratégias de tratamentos, hierarquizações de outros discursos” (p. 853), que tenderiam a reforçar o interesse do campo da Comunicação em tomar os meios de comunicação de massa como objetos de investigação nos estudos sobre HIV e Aids. Primeiro, porque tomá-los seria reconhecer sua potência na produção de sentidos sobre um “grande problema de saúde pública global” (WHO, 2024) — sobrelevando, inclusive, o valor social do próprio campo; segundo, pela oportunidade de abordagem crítica de seus modos de operação e seus efeitos de sentido, tida na investigação dos atravessamentos simbólicos, ideológicos e discursivos que sustentam suas práticas.

Ao estabelecerem um panorama sobre a relação entre *Aids e HIV* e o campo da Comunicação, Malta e Cordeiro (2023) apontam que, não obstante o vírus e a síndrome sejam um “objeto de estudo potencialmente relevante para pesquisadores/as do campo da comunicação” (p. 47), há certa timidez no interesse da área científica neste objeto, evidenciada pela modesta produção nos programas de pós-graduação em Comunicação brasileiros: dentre as 7.873 teses e dissertações⁴ defendidas entre 2010 e 2020, apenas 10 dissertações de mestrado (e nenhuma tese de doutorado) apresentam os termos “Aids” e/ou “HIV” no título, resumo ou palavras-chave.

É interessante perceber que esses dados dizem respeito a um debruçar-geral sobre o campo da Comunicação, centrado apenas num “recorte temático” dos trabalhos produzidos, sem qualquer outro recorte específico, como objeto empírico, metodologia etc. Como se apresentariam, no entanto, tais dados, se olhássemos especificamente para o que temos tratado

⁴ Dados coletados, segundo os autores, no banco de teses e dissertações da Capes, e nos sites de 52 Programas de pós-graduação (PPGs) em Comunicação.

neste artigo, ou seja, para a significância dos meios de comunicação de massa para os trabalhos do campo da Comunicação referente à temática do HIV e da Aids?

Nesse sentido, é que buscamos, neste trabalho, investigar *se e de que maneira* se apresentam os meios de comunicação de massa enquanto objetos empíricos nas produções acadêmicas do campo da Comunicação referentes à temática do HIV e da Aids, com um olhar especial ao lugar da *televisão* (representada aqui pelo *telejornalismo*, visto a relevância da imprensa nos estudos sobre a temática em questão).

Para tanto, organizamos este trabalho em quatro seções. Na primeira, “Aids, HIV e mídia: uma relação histórica”, apresentamos um panorama das formas como o HIV e a Aids têm sido representados midiaticamente, com ênfase no papel desempenhado pelos meios de comunicação de massa nas décadas iniciais da epidemia. Na segunda seção, “Comunicação, Saúde e telejornalismo: interfaces possíveis”, discutimos os pontos de contato entre o que se tem chamado por campo da *Comunicação e Saúde* e os meios de comunicação em massa, com foco no telejornalismo enquanto espaço de produção de sentidos.

Na seção seguinte, “O telejornalismo como objeto empírico nas pesquisas de Comunicação em HIV e Aids”, apresentamos os procedimentos utilizados na investigação presente, bem como os principais resultados obtidos a partir da análise dos dados coletados, que indicam uma certa abstração do telejornalismo enquanto objeto de investigação nas dissertações e teses da Comunicação relacionadas à temática do HIV e da Aids.

Por fim, na seção “Considerações finais”, estabelecemos um tensionamento com os resultados obtidos na pesquisa e sinalizamos a relevância de se considerar o telejornalismo como objeto empírico nas investigações em Comunicação que se dedicam à temática do HIV e da Aids, destacando suas contribuições para a compreensão das dinâmicas discursivas e simbólicas que operam na cobertura midiática da saúde.

Aids, HIV e mídia: uma relação histórica

Desde os primeiros casos noticiados nos Estados Unidos, no início da década de 80, o HIV e a Aids rapidamente ultrapassaram os limites da medicina e passaram a ocupar um espaço central na mídia (Herzlich e Pierret, 2005). A doença foi nomeada e representada diferentes veículos jornalísticos, em um movimento que transformou um fenômeno inicialmente biomédico em um problema também social e cultural. Nesse processo, os meios de comunicação de massa, sobretudo jornais impressos, exerceram papel importante na

conformação de sentidos (Fausto Neto, 2000), ora corroborando estigmas e preconceitos, ora contribuindo para a ampliação do acesso à informação.

No Brasil, a entrada do HIV na cena midiática ocorreu em meio à transição democrática e à reorganização dos sistemas de saúde (Silva e Guedes, 2020). As primeiras reportagens surgiram entre 1983 e 1984, em jornais impressos, geralmente com um tom alarmista e moralizante. As narrativas se concentravam em corpos considerados desviantes — sobretudo homens homossexuais, usuários de drogas e profissionais do sexo — e produziam, por meio de enquadramentos específicos, a ideia de “grupos de risco”, como se o vírus dissesse respeito apenas a determinadas populações (Nalin, 2021).

Essa representação ajudou a consolidar a associação entre HIV, marginalidade e desvio. A televisão, em particular, com seu alcance e poder imagético, contribuiu para reforçar medos e estigmas (Barata, 2006). Reportagens com entrevistas anônimas, vozes distorcidas e imagens embaçadas tornaram-se comuns, dando visibilidade ao vírus e à síndrome, mas não necessariamente às pessoas que viviam com HIV. A figura do “portador do HIV” passou a ser tratada como símbolo de perigo, sofrimento e isolamento.

Campanhas de prevenção veiculadas em canais de televisão, sobretudo entre os anos 1990 e 2000, contribuíram para popularizar o uso do preservativo e a realização de testes, ainda que sustentadas por estratégias de responsabilização individual (Petrônio, 2008). Os discursos da prevenção nem sempre dialogavam com as realidades sociais e das populações-chave e frequentemente mantinham um tom prescritivo, reforçando a ideia de que a prevenção depende apenas da vontade e do comportamento do indivíduo.

Com o avanço dos antirretrovirais e o reposicionamento da infecção pelo HIV como condição crônica tratável, algumas mudanças foram observadas nas narrativas midiáticas, ainda que de forma desigual. A ideia de Aids como “sentença de morte” foi sendo aos poucos substituída por uma abordagem mais voltada à prevenção e ao cuidado. No entanto, os enquadramentos jornalísticos continuavam oscilando entre o tecnicismo e o sensacionalismo, e por vezes negligenciavam as dimensões sociais e políticas que envolvem a temática (Carvalho, 2015).

Mais recentemente, com a popularização da internet e o avanço das plataformas digitais, novos espaços de produção e circulação de sentidos sobre o HIV e a Aids têm ganhado destaque. Diferentemente da lógica mediadora dos jornais impressos e da televisão, essas plataformas permitiram a emergência de atores antes pouco visibilizados nos meios tradicionais (Gomes,

2025). Plataformas digitais como YouTube, Instagram e TikTok têm sido mobilizadas para compartilhar experiências, combater estigmas e difundir informações sobre prevenção, cuidado e tratamento, favorecendo abordagens mais plurais e ancoradas na vivência cotidiana, contribuindo para narrativas mais horizontalizadas e conectadas à diversidade de sujeitos atravessados pela temática.

Comunicação, Saúde e telejornalismo: interfaces possíveis

A aproximação entre os campos da Comunicação e da Saúde tem se mostrado cada vez mais relevante diante das transformações sociotécnicas que impactam a circulação de informações e a produção de sentidos, especialmente no contexto da saúde pública. Em outras palavras, a chamada Comunicação e Saúde constitui um campo de articulação interdisciplinar, onde saberes oriundos das ciências humanas e sociais se encontram com as ciências biomédicas, na tentativa de compreender os efeitos simbólicos, políticos e subjetivos envolvidos na produção, circulação e recepção de mensagens sobre saúde (Araújo, 2013).

Essa interface não se dá apenas no nível teórico ou institucional, mas também nas “políticas, nos processos e práticas e lutas” (Araújo, Cardoso e Lerner, 2007) que envolvem campanhas públicas, noticiários e ações comunicacionais no geral voltadas para a prevenção, o cuidado e a gestão de riscos. Nesse sentido, os meios de comunicação de massa se apresentam como atores estratégicos na composição desse campo, na medida em que operam como mediadores entre os discursos especializados e o público amplo (Araújo, 2012).

No caso brasileiro, a televisão parece ocupar lugar de destaque entre esses meios, não apenas por sua histórica penetração nos lares, mas também por seu papel (especialmente por meio do telejornalismo) no “alargamento da esfera, espaço público, agora midiaticizado (Coutinho, 2007, p. 3). Desde a segunda metade do século XX, a televisão consolidou-se no Brasil como um dos principais canais de informação sobre saúde para grande parte da população (Emboava e Rocha, 2017), inclusive em territórios marcados pela precariedade de acesso a outros recursos informacionais.

A ampla capilaridade da televisão, somada à “credibilidade para informar de maneira adequada à população” (Coutinho, 2023, p. 14), confere ao telejornalismo uma posição estratégica no que diz respeito à mediação dos sentidos sobre temas de saúde pública — mais do que relatar fatos, os telejornais ajudam a organizar o que deve ou não ser considerado um

problema, quais os sujeitos autorizados a falar e quais as soluções possíveis para as crises sanitárias que se apresentam.

Nesse contexto, o telejornalismo atua como dispositivo central na produção de inteligibilidade sobre o HIV e a Aids, especialmente a partir das décadas em que o tema emergiu com mais força no espaço público. Ao selecionar fontes, construir narrativas, articular dados epidemiológicos e imagens, o telejornal estabelece, por meio de sua “função pedagógica” própria (Vizeu, 2009), uma forma específica de ensinar e orientar o público sobre o que está em jogo quando se fala do “*universo do HIV*”.

A centralidade do telejornalismo na “mediação” da saúde pública torna ainda mais evidente a necessidade de se tomar esse objeto como parte integrante das investigações em Comunicação e Saúde. Se os discursos jornalísticos contribuem para moldar percepções sociais sobre questões de saúde (também, portanto, sobre a Aids e o HIV), é preciso compreendê-los em suas materialidades e dispositivos próprios, o que exige metodologias específicas e olhares atentos à lógica interna de produção de suas narrativas.

Ao mesmo tempo, o telejornalismo também se insere em disputas por sentidos (Pereira e Coutinho, 2015). Em determinados momentos da história da epidemia, ele foi acionado como ferramenta de mobilização pública, veiculando campanhas de prevenção em horário nobre, promovendo entrevistas com especialistas e informando sobre novos tratamentos; em outros momentos, contribuiu para reforçar o medo, a culpabilização e a exclusão, reproduzindo representações estigmatizadas de determinados grupos (Barata, 2006).

Essa capacidade de “ordenamento do mundo”, “por meio de sua(s) janela(s), cujo(s) enquadramento(s) envolve(m) recortes, técnicos e políticos” (Coutinho, 2009, p. 107) é parte fundamental do que Fausto Neto (1999) chamou de condições de comunicabilidade. São nessas condições que se entrelaçam agendas públicas, estratégias narrativas, tratamentos discursivos e hierarquizações de sentidos — e é aí que o telejornalismo se inscreve como ferramenta potente de mediação e disputa no território da Comunicação e Saúde, especialmente no domínio da Aids e do HIV.

O telejornalismo como objeto empírico nas pesquisas de Comunicação em HIV e Aids

A partir da compreensão da centralidade do telejornalismo no contexto brasileiro — especialmente como produtor de sentidos sobre a saúde pública —, buscamos investigar se e em que medida os telejornais têm sido abordados nas pesquisas acadêmicas de Comunicação

tematizadas pelo Aids e pela HIV no Brasil. Considerando os efeitos simbólicos, sociais e políticos produzidos pelos discursos telejornalísticos ao longo das décadas atravessadas pelo vírus, julgamos relevante lançar um olhar sobre a tomada do telejornalismo como objeto empírico nas investigações desenvolvidas neste campo.

Entendendo que os programas de pós-graduação são espaços privilegiados de produção de conhecimento científico, escolhemos como recorte empírico da análise os trabalhos acadêmicos produzidos no âmbito da pós-graduação *stricto sensu*, mais especificamente as teses e dissertações defendidas nos programas reconhecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Partimos da suspeita de que, apesar da relevância histórica e simbólica do telejornalismo, ele ainda é conferido de uma baixa amplitude enquanto objeto empírico nas pesquisas que tratam do HIV e da Aids no campo da Comunicação, como permanência de uma escassez que já havia sido apontada 20 anos atrás, no trabalho de Barata (2006).

Para a realização da pesquisa, utilizamos como fonte o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, acessado digitalmente. A busca foi realizada com o objetivo de mapear os trabalhos desenvolvidos nos últimos vinte anos — mais precisamente, entre os anos de 2005 e 2024. A escolha desse período recente visou tanto delimitar um volume manejável de dados quanto captar as tendências mais atuais da produção acadêmica no campo da Comunicação.

A pesquisa foi realizada a partir dos seguintes procedimentos. Na primeira etapa, foram utilizados os descritores “HIV” e “Aids” (com técnica de pesquisa booleana, utilizando o operador lógico ‘OR’) para localizar dissertações e teses cujo tema central estivesse vinculado a essas questões. Em seguida, realizamos um refinamento dos dados, selecionando apenas os trabalhos vinculados à programas de pós-graduação de Comunicação, segundo a classificação da própria CAPES.

Na segunda etapa, os trabalhos selecionados foram analisados quanto aos seus objetos empíricos. O objetivo era identificar quais meios de comunicação, suportes, formatos e plataformas eram tomados como *corpus* de análise pelos estudos em questão. Para os fins desta pesquisa, consideramos como *meios de comunicação de massa* os dispositivos tradicionalmente associados à difusão ampla, englobando tanto os meios analógicos quanto os digitais. Assim, incluímos sob essa categoria os jornais impressos, as revistas, o rádio, a televisão, o cinema e a internet e suas mídias.

No período analisado, foram identificados 20 trabalhos vinculados à área da Comunicação que abordavam a temática do HIV e/ou da Aids. Desse total, 4 eram teses de doutorado e 16, dissertações de mestrado. Entre as teses, 3 tomaram os meios de comunicação de massa como objeto empírico, mas nenhuma delas se dedicou especificamente à televisão ou ao telejornalismo. Já entre as dissertações, 13 mobilizaram os meios de comunicação de massa em suas análises, mas, novamente, a televisão esteve ausente enquanto objeto central. Quando mencionada, aparecia de forma diluída, em conjunto com outros meios, sem destaque metodológico ou analítico. Em nenhuma das dissertações mapeadas foi identificado o telejornalismo como foco empírico exclusivo ou prioritário da investigação.

A análise revelou que, embora o tema HIV e Aids tenha motivado uma diversidade considerável de pesquisas em Comunicação nos últimos anos, há um apagamento do telejornalismo enquanto objeto empírico. Entre os trabalhos mapeados, raros foram aqueles que se debruçaram diretamente sobre conteúdos televisivos, e menos ainda os que tomaram o telejornalismo como elemento central da investigação. Em contrapartida, foi significativa a quantidade de estudos voltados para a imprensa escrita e para as mídias digitais, essas últimas em maior proporção, com destaque para o YouTube.

Tal constatação reforça a percepção de que, apesar da reconhecida importância histórica e social da televisão, especialmente do telejornalismo, esse meio tem sido subexplorado como objeto de análise nas pesquisas em Comunicação, especificamente nos trabalhos atravessados pela temática do HIV e da Aids. Importa destacar que, neste trabalho, não nos detivemos a investigar (menos ainda a apontar) as razões pelas quais tem se dado esse fenômeno — muito embora suspeitemos de que, entre tais razões, esteja uma paulatina preeminência das plataformas digitais nos interesses circunscritos aos estudos em Comunicação.

Considerações finais

Ao mapearmos os objetos empíricos mais recorrentes nas pesquisas analisadas, foi possível observar que os estudos priorizam, em sua maioria, análises discursivas de campanhas de governo, representações documentais em produtos de cinema e análise de conteúdos circulantes em plataformas digitais. Embora não neguemos a relevância desses recortes, sua predominância revela uma lacuna importante: o escasso esforço de compreender como o telejornalismo, enquanto formato específico de mediação, construção simbólica e espaço de disputas, tem participado da inscrição do HIV e da Aids no espaço público.

Nos parece, portanto, evidente a necessidade de diversificar os objetos empíricos das pesquisas em Comunicação, incorporando com mais densidade o telejornalismo enquanto espaço de produção de sentidos. Nesse sentido, a análise crítica das práticas jornalísticas televisivas poderia, por exemplo, iluminar os modos como o HIV e a Aids têm sido enquadrados, quais vozes têm sido autorizadas a falar e que lógicas têm guiado a construção das narrativas e discursos veiculados nesses programas de grande alcance.

Assim, ao nos debruçarmos sobre o lugar ocupado pelo telejornalismo nas teses e dissertações em Comunicação sobre HIV e Aids, buscamos mais do que apenas mapear uma tendência, mas também (e principalmente) tensionar os limites da produção acadêmica vigente, sugerindo caminhos para o fortalecimento de abordagens que considerem a televisão — e especialmente os telejornais — como espaços legítimos e potentes para a análise crítica no campo da Comunicação e Saúde.

Referências

ARAÚJO, Inesita Soares de. As mídias, as instituições de saúde e a população: convergências e divergências na comunicação sobre a prevenção da dengue. In: **Organicom**, ano 9, edição especial, números 16/17, 2012. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/organicom/article/view/139128>>

ARAÚJO, Inesita Soares de. **O Campo da Comunicação e Saúde: contornos, interfaces e tensões**. In: Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Manaus, 2013.

ARAÚJO, Inesita Soares de; CARDOSO, Janine Miranda; LERNER, Kátia. Comunicação e saúde: um olhar e uma prática de pesquisa. In: **Revista Eco-Pós**, 10(1), 2009. Disponível em: <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1042>

BARATA, Germana Fernandes. **A primeira década da aids no Brasil: o Fantástico apresenta a doença ao público (1983-1992)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CARVALHO, Carlos Alberto de. Afetar e ser afetado pelo acontecimento: coberturas jornalísticas da Aids e impactos sociais In: **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, Volume 38, Number 2, 2018, pp. 253-272(20)

COUTINHO, Iluska. **Lógicas de produção do real no telejornal: a incorporação do público como legitimador do conhecimento oferecido nos telenoticiários**. In: GOMES, Itania Maria Mota (org.) **Televisão e realidade**. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/b3jpx/pdf/gomes-9788523208806.pdf>>

COUTINHO, Iluska. **Público, Telejornalismo e Identidade: Uma reflexão sobre as esferas noticiosas e o destinatário da informação televisual**. In: Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos, SP, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0925-1.pdf>>

COUTINHO, Iluska. **Público, Telejornalismo, público, credibilidade e desinformação: estratégias de legitimação em emissoras privadas e públicas**. In: Anais do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belo Horizonte, MG, 2023. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0925-1.pdf>>

EMBOAVA, Marialice Nogueira; ROCHA, Simone Maria. Saúde na televisão e a modernização do poder pastoral. In: **RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 11 n. 4, 2017. Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/index>>

FAUSTO NETO, Antônio. **Comunicação e mídia impressa: estudo sobre a Aids**. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

GOMES, Raí Gabriel de Castro. **Posit(hiv)idade em tela: uma análise das narrativas sobre o HIV nos perfis @oallanbruno, @lucasrael e @posithividades do Instagram**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2025.

HERZLICH, Claudine; PIERRET, Janine. **Uma doença no espaço público: a Aids em seis jornais franceses**. Physis: Revista de Saúde Coletiva, v. 15, pp.71-101, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/j/physis/a/6S3DnH4zgNKT5LhkzjYNwtc/?lang=pt>>

MALTA, Renata Barreto; CORDEIRO, Gabriel dos Santos. HIV/AIDS em pauta: uma análise das dissertações dos Programas de Comunicação no Brasil. In: **Animus - Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, 22(48), 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/63681>>

MARQUES, Petrônio. **Televisão e Aids – Análise dos filmes publicitários do Ministério da Saúde dos carnavais de 1996 a 1999**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Estudo De Linguagens) - Universidade de Marília, Marília, 2008.

NALIN, Vinícios. **“Peste Gay”: veiculação midiática e os estigmas criados sobre o surgimento da AIDS na década de 1980**. In: Simpósio De Pós-Graduação Do Sul do Brasil, 1, 2021, [Evento virtual]. Anais eletrônicos [...]: UFFS, 2021. Disponível em: <<https://portaleventos.uffs.edu.br/index.php/simpos-sul/article/view/15623>>

PEREIRA, Allan de Gouvêa; COUTINHO, Iluska Maria da Silva. Entre emissoras públicas e privadas: considerações teóricas sobre disputas de informação. In: **Libero**, v. 18, n. 35, p. 45-54, jan./jun, 2015. Disponível em: <<https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/viewFile/65/43>>

SILVA, Fábio Ronaldo; GUEDES, Raquel da Silva. A mídia impressa e a construção narrativa sobre a AIDS no Brasil no final do século XX: Uma relação perigosa. **Revista Ciência e Trópico**, Recife, v. 44, n. 1, pp. 143-162, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/1910>>

VIZEU, Alfredo. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica. In: **Revista FAMECOS**, v. 16 n. 40, 2009. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/6321>>

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **HIV e AIDS**. 2024. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/hiv-aids>>